
Aprendendo e ensinando mulheres a lutar: práticas exemplares e reprováveis nas artes marciais

*Luiza Ferreira Figueiredo,
Leila Curvello de Mendonça,
Thabata Castelo Branco Telles,
Cristiano Roque Antunes Barreira*

Resumo

Este estudo aborda a percepção feminina das questões didáticas e sociais nas Artes Marciais. Trata-se de identificar e compreender as experiências que mulheres, como participantes em modalidades de luta, percebem como Práticas Exemplares e Reprováveis, a partir de situações por elas vivenciadas. Discute-se as condutas que podem, respectivamente, incentivar e desencorajar a prática das Artes Marciais por esse público. Foram realizadas entrevistas sob escuta suspensiva com relatos que trouxessem à tona experiências verbalizadas em falas significativas em primeira pessoa, sendo posteriormente transcritos e submetidos à análise intencional em perspectiva fenomenológica, onde o cruzamento intencional entre experiências relatadas possibilitou a tipificação de condutas entendidas como Reprováveis: 1.Negligência no ensino, 2.Questões técnicas, 3.Segregacionismo, 4. Ausência de compreensão à singularidade feminina, 5.Abusos e 6.Assédio; e Exemplares: 1.Atenção à singularidade, 2.Questões técnicas, 3.Clima cooperativo, 4.Autoridade respeitosa e respeitável e 5.Reconhecimento e valorização, que impactaram na aderência, permanência e identificação das entrevistadas com a prática.

Palavras-chave: Artes Marciais, Fenomenologia, Experiência, Mulheres, Psicologia do Esporte.

Learning and teaching women how to fight: exemplary and reprehensible practices in martial arts

Luiza Ferreira Figueiredo, Leila Curvello de Mendonça, Thabata Castelo Branco Telles, Cristiano Roque Antunes Barreira

Abstract

This study addresses female perception of didactic and social issues in Martial Arts. We aim to identify and understand the experiences that women, as participants in different fighting modalities, perceive as Exemplary and Reprehensible Practices, from situations they experience. We discuss the conducts that can respectively encourage and discourage the practice of martial arts by this public. Interviews were conducted through suspensive listening so that the reports brought up the experiences verbalized in meaningful first-person speeches, later transcribed and submitted to intentional analysis in a phenomenological perspective, where the intentional crossing among reported experiences allowed the typification of conducts seen as Reprehensible: 1.Neglect in teaching, 2.Technical issues, 3.Segregationism, 4. Lack of understanding of female singularity, 5.Abuse and 6.Harassment; and as Exemplary: 1.Attention to uniqueness, 2.Technical issues, 3.Cooperative environment, 4.Respectful and respectable authority and 5.Recognition and appreciation, which influenced the adherence, permanence and identification of the interviewees with their practices.

Keywords: Martial Arts, Phenomenology, Experience, Women, Sports Psychology.

Aprendizaje y enseñanza de la lucha para mujeres: prácticas ejemplares y reprobables en las artes marciales

Luiza Ferreira Figueiredo, Leila Curvello de Mendonça, Thabata Castelo Branco Telles, Cristiano Roque Antunes Barreira

Resumen

Este estudio aborda la percepción femenina de las cuestiones didácticas y sociales en las artes marciales. Identificamos y comprendemos las experiencias que las mujeres participantes en modalidades de lucha perciben como prácticas ejemplares y reprobables, de las situaciones que experimentan. Presentamos las conductas que pueden alentar y desalentar, respectivamente, las mujeres en la práctica de artes marciales. Las entrevistas se realizaron bajo escucha suspensiva, de modo que ellas trajeron las experiencias verbalizadas en discursos significativos en primera persona. Se transcribieron y se sometieron a un análisis intencional en una perspectiva fenomenológica, donde el cruce intencional entre las experiencias informadas permitió la tipificación de conductas consideradas y reprobables: 1.Negligencia en la enseñanza, 2.Cuestiones técnicas, 3.Segregacionismo, 4.Falta de comprensión de la singularidad femenina, 5.Abuso, 6.Acoso; y ejemplares: 1.Atención a la singularidad, 2.Cuestiones técnicas, 3.Clima cooperativo, 4.Autoridad respetuosa y respetable, 5.Reconocimiento y apreciación,, que impactan la adhesión, la permanencia y el nivel de identificación de las entrevistadas con las prácticas.

Palabras-clave: Artes marciales, Fenomenología, Experiencia, Mujeres, Psicología del Deporte.

Introdução

Com o avanço feminino ao espaço público, o acesso à prática esportiva de forma geral vem se democratizando e, apesar de tradicionalmente masculina - como a maioria das modalidades esportivas - a prática das lutas vem também ganhando cada vez mais a participação de mulheres (Follo, 2012; Pessina, 2017). Contudo, com essa nova realidade evidencia-se a grande quantidade de lacunas a respeito do público feminino e suas experiências nesse meio, em que tal escassez concerne principalmente o preparo didático de mestres para lidar com um público novo e as particularidades inerentes ao mesmo, impactando diretamente a motivação e adesão a prática, consequentemente, o estabelecimento de legitimidade e pertencimento feminino no tatame e no mundo que o envolve (Channon, Quinney, Khomutova & Matthews, 2018; Channon, 2018, 2014, 2013; Goellner, 2007; Maclean, 2016).

Nessa direção, é relevante destacar o estabelecimento do ICM-UNESCO, o Centro Internacional de Artes Marciais para o Desenvolvimento e Engajamento de Jovens da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), cujo principal objetivo consiste em utilizar os preceitos e filosofias específicos das artes marciais para desenvolver valores e qualidades pessoais nos jovens participantes. Dentre as diversas medidas e condutas adotadas no Centro, nota-se o esforço para estimular a participação equitativa de mulheres nas artes marciais enquanto “facilitadoras, beneficiárias e participantes” (<http://www.unescoicm.org/eng/company/summary.php>). Uma vez que as artes marciais ainda permanecem como espaços predominantemente ocupados por homens, torna-se clara a necessidade “de aumentar a presença de praticantes mulheres em todos os níveis das artes marciais” (<http://www.unescoicm.org/eng/company/summary.php>).

Para que esta consolidação se dê mais significativamente, é essencial que professores e lideranças institucionais, como dirigentes em federações e proprietários de academias onde as práticas são oferecidas, consigam compreender a percepção feminina acerca das condutas que podem encorajar sua prática e tornar o tatame um ambiente mais justo e inclusivo. Para isso, não é menos importante reconhecer as práticas percebidas como reprováveis, com têm potencial desmotivador.

Envolvendo diversas variáveis, a adesão à atividade física depende de alguns requisitos essenciais, em que primeiramente é necessário que exista não só a intenção de fazer aquela atividade, mas também a satisfação na mesma, envolvendo estados positivos de “auto eficácia” e “automotivação”, que dependem principalmente das características, crenças e expectativas em relação à atividade e suas capacidades, tanto da mulher como indivíduo quanto aos componentes caracteristicamente associados ao “ser mulher” (expectativas e peculiaridades do gênero, por exemplo), indissociáveis entre si (Follo, 2012; Weinberg & Gould, 2008). Outras variáveis importantes do ambiente social e que influenciam fortemente a adesão à prática, dizem respeito às relações sociais, como família, amigos, colegas e professores, sendo possível tanto o apoio (efeitos positivos), quanto a indiferença ou reprovação (efeitos negativos) diante da prática (Weinberg & Gould, 2008).

Consoante as informações apresentadas, entende-se como imprescindível a busca por conhecimento a respeito da realidade das mulheres

no espaço das artes marciais e aos fatores que concernem sua permanência nesse espaço. Sabendo que a adesão a qualquer atividade física depende de diversas variáveis (Weinberg & Gould, 2008) e sendo um tema que conta com poucos estudos acadêmicos, o presente estudo preocupa-se em identificar, na percepção feminina, condutas que podem encorajar a prática, com potencial de tornar o espaço das artes marciais mais justo e inclusivo, assim como reconhecer práticas têm potencial desmotivador, afastando mulheres dos tatames (Bowman, 2016; Channon, 2018; Follo, 2012).

Dessa forma, essa pesquisa utiliza de uma abordagem fenomenológica para identificar, entender e tipificar, dentro de relatos das experiências de mulheres praticantes de artes marciais, práticas que serão identificadas como Exemplares e aquelas entendidas como Reprováveis ao longo de sua vivência na modalidade, buscando compreender essas situações e suas percepções num contexto de ensino, aprendizagem e treinamento das artes marciais.

Métodos

Amostra

A presente pesquisa define-se como um estudo qualitativo, adotando como modo de investigação uma metodologia empírico-fenomenológica, que por sua vez adota uma perspectiva filosófica diante da experiência humana, estabelecendo um sistema rigoroso de análise de caráter reflexivo, cujo propósito é identificar e descrever as estruturas que constituem essencialmente a experiência estudada (Ales Bello, 1998, Mahfoud & Massimi, 2013).

Foram entrevistadas oito mulheres em quatro modalidades de artes marciais, sendo: quatro pertencentes exclusivamente ao Jiu-Jítsu brasileiro, duas ao Jiu-Jítsu brasileiro e Muay Thai, uma ao Judô, e uma ao Taekwondo. Os critérios de inclusão foram: (1) idade igual ou acima de 18 anos e (2) pelo menos 1 ano de prática em sua(s) respectiva(s) modalidade(s).

Instrumentos

Utilizou-se a análise fenomenológica dos relatos de experiência das entrevistadas, coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, sendo uma análise "do tipo intencional, partindo daquilo que se manifesta pelo relato" (Ottoni, Ranieri & Barreira, 2008, p. 12) e focando na identificação e compreensão dos fenômenos em questão. Realizou-se entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e posteriormente transcritas, sendo realizadas até que fosse alcançada a saturação do conteúdo (critério de interrupção). As entrevistas foram realizadas após devidos esclarecimentos éticos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (5659 – USP – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da USP - CAAE: 57691616.0.0000.5659), garantindo o sigilo de informações pessoais e anonimato das participantes. O local da entrevista variou para cada participante, prezando para que se sentissem à vontade, buscando evitar qualquer inibição associada a fatores externos.

Procedimentos

As entrevistas contaram com perguntas norteadoras, a partir das quais a entrevistada pudesse relatar experiências que considerasse importantes e pertinentes às questões colocadas, sendo elas: 1- “Como você começou nessa modalidade?” 2 – “Desde então, como tem sido a experiência de ser mulher aprendendo e treinando nessa modalidade?” 3 – “Gostaria que você tentasse lembrar situações em que, segundo sua percepção, o fato de ser mulher tenha feito ou faça alguma diferença no contexto de prática da artes marciais.”, 4 – “Ao longo de sua experiência no contexto da prática de sua arte marcial, você se lembra de alguma situação delicada, difícil, conflitiva ou tensa em que você consideraria que a conduta de alguém, seja o professor ou um aluno mais experiente, tenha sido exemplar para lidar com o momento?” 5 – “Você já passou por alguma situação desanimadora na modalidade? Alguma dificuldade?” 6 – “E situações animadoras? Quais experiências foram animadoras e te incentivaram a continuar?” 7 – “Os seus professores ou professoras, que importância, que papel eles tiveram nas situações animadoras pra você?” e, por fim, em casos específicos, realizava-se a pergunta 8 – “Como é a experiência de ser treinada por um professor do sexo masculino?”. Com ênfase na escuta suspensiva, foi função da entrevistadora identificar pontos expressivos no discurso da entrevistada, que sinalizassem vínculo com experiências significativas (Barreira & Ranieri, 2013), para então explorar e aprofundar seu relato.

Análise de Dados

A partir de Barreira e Ranieri (2013), a análise foi composta por dois momentos: redução psicológica e, em seguida, o do cruzamento intencional dos relatos de experiência. A primeira etapa trata de uma reflexão sistemática que busca o fenômeno em questão no relato de experiência, buscando um discurso significativo e fidedigno a como foi vivida pelo sujeito, entrando em contato com o “mundo privado do sujeito” (Ottoni, Ranieri & Barreira, 2008, p. 11). Após o processo de redução, passou-se ao cruzamento intencional das entrevistas, no qual as compara a fim de evidenciar quais as percepções atribuídas a prática que são comuns às experiências de todas as participantes enquanto vivências que constituem, essencialmente, o fenômeno estudado (Barreira & Ranieri, 2013). Reconhecidos os componentes, foi feita tematização e modalização dos mesmos, assim criando diferentes unidades de sentido a respeito da experiência vivida.

Resultados

A partir da análise, foram definidas 11 unidades de sentido, sendo 06 referentes às Práticas Reprováveis e 05 às Práticas Exemplares, expostas na tabela a seguir e posteriormente descritas separadamente, respectivamente.

Tabela 1- unidades de sentido das práticas reprováveis e exemplares, respectivamente

Práticas	Unidades de sentido
Reprováveis	negligência no ensino
	questões técnicas
	segregacionismo
	ausência da compreensão à singularidade feminina
	abusos
	assédio
	atenção à singularidade
Exemplares	questões técnicas
	clima cooperativo
	autoridade respeitosa e respeitável
	reconhecimento e valorização

Negligência no ensino. As praticantes relataram haver comportamentos pelos quais passam a se sentir esquecidas e menosprezadas pelos professores ou colegas mais experientes, levando a um desânimo progressivo com relação à prática. A percepção da negligência vem à tona com a noção de que seu aprendizado está sendo prejudicado por tais condutas, geralmente na desatenção ao ensino e à individualidade, como bem exemplificado no relato:

Ele dava mais atenção pros calouros do que ele me deu quando eu acabei de entrar sabe?! (...) eu ficava chateada (risos) porque eu queria aprender e às vezes eu sentia até que queria aprender mais do que eles (...) tava indo por mim mesma e não faltava treino, gostava, tava curtindo mesmo. E aí eu chegava lá e às vezes o sensei nem me dava atenção. (...) ficava chateada, falava "poxa, eu tô querendo mais até que eles e ele fica dando mais atenção pros outros que não tão ligando. (E8)

As principais condutas relatadas foram: preguiça ou arrogância ao ensinar, desatenção ao nível de experiência da aluna na modalidade (i.e. iniciante ou mais experiente) em momentos de explicações em aula, favoritismo, desprezo ou indiferença diante dos resultados alcançados, conquistas e/ou comprometimento das participantes. A percepção de menosprezo por sua dedicação e conquistas e a falta de atenção às mesmas destacavam-se, principalmente na discrepância de tratamento entre elas e praticantes homens, que receberiam atenção e valorização sem real merecimento, como no trecho a seguir:

Eu treinava mais do que eles, que acabavam faltando bastante, eram 3x na semana, as vezes eles iam 2 e eu sempre ia as 3 e ainda treinava a noite, só que meus graus foram dados depois, sabe? Eles ganharam antes e eu não entendi. Porque na verdade era pra ser ao contrário, mas acho que o cara ficou: "Ah, vou dar grau pra ela e não vou dar pras caras"? Então ele deu primeiro pra eles e sempre depois que eles ganhavam eu ganhava. E minha graduação pra faixa azul também. (E1)

Questões técnicas. Condutas técnicas executadas de forma falha eram percebidas negativamente pelas praticantes, em que o conjunto de relatos permitiu enxergar que é comum os professores e outros praticantes do sexo masculino as tratarem de modo estereotipado, restringido a dificuldade dos estímulos de treino oferecido a elas, lhes proporcionando desafios muito inferiores ao que esperavam e acreditavam como sendo adequados para seu próprio nível de experiência, sentindo-se subestimadas e prejudicadas. Nessas situações, falta ao comportamento técnico algo que agregue desafio para o alcance dos objetivos definidos por elas, como no relato a seguir: *"É muito diferente quando você pega alguém menor ou mais alto, mais leve, mais pesado. E o sensei não treinava a gente pra isso, porque só treinava uma com a outra, porque nós éramos as duas meninas". (E8)*

Segregacionismo. Condutas discriminatórias, sendo baseadas ou não em crenças de gênero, foram percebidas e vivenciadas pelas praticantes na indiferença e desmerecimento de sua presença, habilidades e conquistas. Dessa forma, o ambiente e as relações nele estabelecidas proporcionavam um clima constante de cobrança e descrença em suas habilidades, em que se viam na obrigação de constantemente terem que se provar para obter reconhecimento ou respeito pessoal, como demonstra o trecho abaixo:

Você vai rolar lá, aí ele fala assim: "então vai com ela já que você está cansado" (...) você vê que os caras, assim, discrimina. (...) Aí você tem que ficar provando o tempo inteiro, tempo inteiro, toda hora que você pode fazer aquilo, e aí se você não consegue fazer alguma coisa por algum motivo, aí eles viram e "aí, tá vendo, falei que você não conseguia?", é muito chato isso, é cansativo. (E5)

Dessa forma, as praticantes acabam se esforçando excessivamente para se verem (muitas vezes de forma insatisfatória) pertencentes àquele meio. Essa configuração – de um ambiente pouco inclusivo e receptivo –, constantes cobranças e o sentimento de não pertencimento acabavam por reduzir a segurança em si e sua motivação para a prática:

Da pessoa meio que rebaixar você assim (...) Todo dia você tem que ta lá, todo dia você tem que se provar e tem dia que você não ta bem, não consegue desempenhar o máximo, aí são dias desanimadores. Você não vai, olha aquilo e fala: "to cansada de tentar provar, me melhorar, tentar criar ali um espaço pra mim" sabe? Um espaço aonde eu seja alguém, seja qualquer pessoa. (E7)

O segregacionismo também foi vivenciado em condutas nas quais evidenciaram-se questões de preconceito de gênero, colaborando a criação de ambiente desagradável, em que a condição masculina muitas vezes é hipervalorizada em relação à feminina, que por sua vez não recebe credibilidade, e sim resistência e desincentivo à prática:

Não pode ser uma menina normal, bonitinha, arrumadinha e lutar ao mesmo tempo. São coisas que, na cabeça das pessoas, são muito diferentes. Que às vezes eu chego nos lugares e vou lutar (...) já cansei de ouvir falar que eu ia apanhar muito porque a menina que tava do outro lado do corner era mais masculino, mais forte, sabe? Eu era mais magricela, feminina e a pessoa olhar pra mim e falar "cê não luta" ou "cê vai perder". (E7)

Outra manifestação da percepção de tal desprezo acontece em situações em que um praticante se vê em apuros e em vias de ser dominado por uma mulher, desmerecendo as habilidades da praticante, agindo como se o domínio estivesse acontecendo porque ele permite. Essa atitude, embora possa acontecer independentemente de gênero, quando ocorre com as mulheres expressa um desprezo misógino, em que há a apreensão da desvalorização durante a prática. Nesses casos, as mulheres percebem que é o receio de desvalorização de gênero por parte do homem que motiva uma conduta para que ele não se sinta ou se veja desmoralizado diante da noção comum de que o homem é superior fisicamente à mulher:

Dói o ego deles, dói muito. Porque pô, pra mulher perder pra um homem é normal, agora o homem perder pra mulher não é normal, dói um pouquinho neles... acontece muito, você ta rolando e eles vêem que você ta melhor e começa a afrouxar, pra falar que eles deixaram você fazer, entendeu, nunca é mérito seu. Eles que estão deixando. Só rolando... Só ali pra você perceber, é uma coisa com todo mundo, não é só comigo, nem com ela... É com todo mundo. (E5)

(...) as vezes só porque é homem se acha melhor, porque tem a diferença de força, então eles ganham da gente na força, tem uns que apelam, [o cara] apela total, cê ta rolando, ai ele vê que você tá melhor tecnicamente, ele apela, te segura na força... É perceptível. Então já aconteceu de rolar e o cara ficar bravo, aconteceu de eu finalizar gente e a pessoa não querer mais falar comigo, homem... Depois ficar "bravinho"... São pequenas coisas assim que a gente vai relevando. (E5)

Ausência da compreensão à singularidade feminina. Ocorre pelo descaso, desatenção e desprezo de características e particularidades associadas ao sexo feminino, impactando diretamente na qualidade de ensino, criando deficiências no mesmo e, conseqüentemente, do aprendizado e ânimo da praticante. A partir das respostas à pergunta norteadora "Como é a experiência de ser treinada por um professor do sexo masculino?", um trecho do relato sumariza a percepção dessa incompreensão no contexto de treinamento: *"porque nunca passou pela cabeça dele, entendeu? Só porque ele nunca teve que pensar sobre isso. Nunca teve nenhuma dificuldade sendo um treinador homem. Sendo um lutador homem". (E8)*

Abusos. O abuso de poder, por parte de professores(as) ou de outras figuras de autoridade/liderança no ambiente de prática, predominou em relação aos de abuso físico, mas ambos comparecem às mulheres como uma prática repudiável. Os relatos a seguir apresentam o contraste entre percepções de abuso, sendo vistos tanto como um uso excessivo e ostensivo quanto uso indevido e uma postura permissiva, respectivamente:

Ele queria dar a aula dele, só que de um jeito que eu acho errado, entendeu? Mostrando que ele era muito bom, muito forte... E eu acho que não precisa disso, sabe? Você tem como ensinar de outras formas (...) eu tava passando mal já, pensei "nossa, nunca vou fazer isso com alguém, de tipo, de fazer uma pessoa sofrer assim, não quero ser um bosta igual ele". Aí foi até o que me fez perder o tesão de ir pra lá e treinar (...) não queria tá ali pra ficar apanhando, sabe? Queria estar aprendendo os golpes direito, fazendo a posição certa, ter um condicionamento físico bom. (E3)

(...) passei a situação pra ele (professor) esperando que ele fosse "não mano, pode deixar, vou conversar com ele, vou resolver isso", porque querendo ou não, dentro do tatame existe a hierarquia, né? E eu respeito muito isso. (...) E aí foi a minha maior decepção, porque ele falou que não podia fazer nada... que tava meio que fora das mãos dele, não tinha como virar pro cara e falar nada, e foi aí que foi minha maior decepção, sabe? Aí eu parei de treinar. (E1)

Naturalmente, as alunas esperam de suas professoras e professores, como figuras de autoridade, o manejo e controle adequado do ambiente de prática, tornando-o seguro e proveitoso. Segundo os relatos, a imposição e uso excessivo de autoridade ou a falta da mesma é experienciada negativamente pelas mulheres, tanto via intimidação quanto pela decepção gerada pela permissividade diante de situações desagradáveis, falhando em solucioná-las, causando sentimentos de repúdio e insegurança no profissional, consequentemente as afastando daquele ambiente, considerado, em maior ou menor nível, opressivo e improdutivo devido a tais ações.

Assédio. Claramente percebido e descrito como uma prática reprovável, as situações de assédio que ocorreram no ambiente de prática, apresentaram-se na forma física, desde certos modos de se dar o contato corporal nas lutas até por condutas mais sutis, como olhares, atenção excessiva ao corpo das praticantes e comentários depreciativos. A sexualização de seus corpos, as deixa simultaneamente autoconscientes e apreensivas em seu ambiente e durante a prática

O assédio é marcante e se destaca em virtude da discrepância de força que possa haver entre homens e mulheres, em que é nítida a consciência das praticantes a respeito da "desvantagem" que podem ter em situações em que haja a necessidade de confrontar um assédio, principalmente quando a mulher se vê mais inexperiente do que o homem no contexto em questão, criando a sensação de insegurança:

Os homens sempre vão ser mais fortes do que a gente... não que a técnica não supere isso, mas até a gente conseguir essa técnica pra superar eles... Eles vão fazer a gente de peão. Então eles colocam a pessoa numa posição mais constrangedora, passa a mão, passa uns golpes mais ousados, coisa que a gente não vai conseguir fazer porque é mais nova de... de academia, de luta. (E6)

Como exposto anteriormente, professores muitas vezes são vistos como figuras de referência tanto de índole quanto técnica – um exemplo a ser seguido. Pelos relatos das entrevistadas, o assédio, partindo de professores e outras figuras de autoridade, impacta as praticantes de forma intensamente negativa, passando a não ter mais confiança em seu mestre, havendo desconforto em permanecer naquele ambiente, manifestando sentimentos de

repulsa e decepção diante da vivência de tais situações, como demonstrado abaixo:

Os cara usava faixa preta pra pegar menina (...). E eu comecei a me sentir muito enganada, sabe? Porque eu via o meu mestre como se fosse um... Sei lá, um irmão, uma pessoa que coloquei no pedestal e tal, e na verdade o cara era mó escroto, chegou a dar em cima de mim também e tal, e foi daí que eu parei treinar. Literalmente peguei a faixa azul e parei de treinar. (E1)

O assédio, em sua forma mais “sutil”, apresenta-se através de comentários com conotação sexual, distorcendo o significado atribuído à arte marcial e remodelando o seu olhar para a prática, podendo afetar mais ou menos sua motivação para a mesma:

Tem homem, que fala, “ai, você não quer fazer um triangulo em mim?”, mas em questões... Sexuais, levando pra outro lado, ou então comentário maldoso do tipo que eu te falei, “ai, to cansado, vamo rolar?”, ou fala assim, “ah, não quero fazer com ela”, só pra pelo fato de ser mulher, “Ah, por que ela é pequena”. Tipo, esses comentários que você sabe que é por ser do sexo feminino. (E5)

Ou, ainda, escrachadamente ocorrendo na forma de comentários ofensivos e preconceituosos, ligados a um grande desconforto em decorrência de tal conduta:

O cara falou “nem se eu tivesse cinco virgens aqui eu ia conseguir comer de tão cansado que eu tô”, tinha uma galera junto e em vez de os caras ficar “mano, que que cê ta falando?”, não, os cara começou a rir e começou a dar continuidade à conversa, sabe? O mesmo acontece quando tem piadinha, zuerinha homofóbica, “cê é viado, não sei o que” e os caras começa “ah, não sei o que, e bla bla bla”, então geralmente não tem o corte da piadinha, tem a continuação, sabe? (E1)

Vale destacar no trecho acima o incômodo da entrevistada não só quando tais comentários são dirigidos às mulheres, mas também a outras identidades minoritárias, que também são alvos do mesmo tratamento e preconceitos, se solidarizando diante da identificação com as situações de assédio. Considerando que, do ponto de vista social, a questão da igualdade de gênero é entendida, por vezes, como uma questão referente às chamadas “minorias sociais”, quaisquer comentários depreciativos referentes aos outros nichos dessas minorias podem ser processados de maneira pessoal pelas praticantes, gerando desconforto e sentimento de menosprezo da mesma forma que um comentário machista direcionado especialmente a elas, conforme explicitado pelo último relato.

Agora, em contraste as práticas reprováveis, temos também àquelas que foram percebidas pelas praticantes como exemplares:

Atenção à singularidade. Tendo a incompreensão das singularidades de ser mulher e aluna e a negligência no ensino como práticas reprováveis, percebeu-se que a atenção à singularidade, em contraste, é apreciada de modo bem significativo em como as mulheres experienciam a modalidade. Apresentando-se em diferentes situações e condutas, o cerne dessa unidade reside na atenção e consideração não só da aluna como aluna,

mas também de suas particularidades como mulher e pessoa. As condutas apreciadas e relatadas pelas praticantes refletiam o “perceber” do professor de suas características individuais, como a personalidade de cada uma, suas dificuldades e facilidades técnicas e inseguranças em movimentos, exercícios, competições e estados físicos.

A atenção à singularidade, através dos relatos, também se manifestava quando havia a percepção e intervenções na prática, por parte da professora e professor, de acordo com estados emocionais, momentos e fases adversas de suas vidas pessoais, desfavoráveis à continuidade da prática, como situações de lesão ou outros problemas de saúde, períodos menstruais e desânimo devido a problemas pessoais – como trabalho, relações interpessoais e estudos –, em que tais intervenções objetivavam por diminuir dificuldades e empecilhos à permanência das praticantes na modalidade que pudessem surgir devido a esses fatores. Os relatos abaixo exemplificam os textos acima, sendo as falas de uma entrevistada quanto as posturas assumidas por sua professora de Jiu Jítsu em diferentes situações:

Tanto pra pegar técnica, às vezes pra fazer um ou dois rôla, eu venho de qualquer forma! Porque eu sei que aqui se hoje eu falar pra ela, “(nome da professora) hoje eu to desse jeito”, “hoje eu to com minhas costas doloridas”. Não tem problema., entendeu? (...) (E6)
Se você ta machucada, você no rôla, se você chegar pra ela e falar pra ela assim “olha ta assim e assim”. Mulher tem menstruação, mulher tem TPM, (...) Você veio só pra fazer a aula? Você veio só pra assistir técnica? Sem problema. Ela tem essa abertura, ela tem essa liberdade de conversa. (...) Às vezes você não se sente bem em treinar com certa pessoa porque é muito pesada, ou ta te machucando, ou você ta lesionada e sabe que ela vai vir um pouco mais pesada, “ai (nome da professora), hoje eu não queria rolar”, “hoje eu não queria fazer nada”, “to com o pé machucado”. Tranquilo, tranquilo. Só vem pra fazer a aula? Tranquilo. Ela é bem aberta. (E6)

A consciência dessas preocupações, os cuidados, compreensão e flexibilidade do professor demonstraram ter um impacto muito positivo na autoconfiança, motivação, autoeficácia das participantes, assim como confiança no profissional e qualidade de ensino, trazendo à tona o seguinte trecho: “Se todo mundo tivesse essa conduta ninguém teria tanto medo de chegar na academia estranha sozinha (...) e treinar.” (E12)

Questões técnicas. Em contraste as condutas reprováveis em questões técnicas, trata-se da aplicação prática da experiência como profissional baseada na atenção ao aluno, sendo condutas que prezam pela potencialização do aprendizado nos mais diversos contextos, assim como devidos cuidados no que diz respeito a adesão a prática.

Ela tem muito essa percepção de igual pra igual, de ser uma coisa mais tranquila e vai indo no seu nível. Se você tá mais graduada, seu nível é mais forte, ela vai mais no seu nível. Ela chega com os meninos lá embaixo e faz a mesma coisa. (E7)

Houve um consenso por parte das participantes quanto ao valor dado ao cuidado consistente com didática e estratégias de ensino por parte da professora e professor. A capacidade do profissional em propor e ajustar desafios, exercícios, modos de ensinar e estímulos motivacionais de acordo com o nível de experiência (iniciante ou mais experiente), objetivos

(competição, lazer ou emagrecimento) e de situações adversas, como períodos de lesão, foi positivamente marcante e importante em suas vivências na modalidade, sendo essencial a manutenção de sua motivação, permanência na prática e autoconfiança.

Clima cooperativo. Perante às condutas segregacionistas, nos contextos em que houve a vivência e percepções de condutas colaborativas, prestativas e interativas, as participantes tem para si um ambiente amistoso e inclusivo. O clima cooperativo foi marcado por boas relações e interações interpessoais, tanto entre alunos quanto entre aluno-professor(a), em que há a troca de experiências pessoais e de prática, a solicitude e companheirismo, e sendo exaltado pelos relatos quando ocorre entre as praticantes:

Você se sente entendida, sabe? É como estar num grupo que você sabe que as pessoas fazem a mesma coisa que você. É você chegar lá e conta de campeonato ou receber uma mensagem... Quando você machucou, só que ela te entende. Ela sabe como que é machucar. Ela sabe como é tá num campeonato. Ela sabe pelo o que você tá passando. E ter essa irmandade fora do tatame também, você se sente bem, entende? E a pessoa liga e fala "você tá machucada, não pode treinar, então vamos fazer posição" (...) É uma coisa muito da (nome da professora), ela prega isso (E7)

Tal clima amistoso e amigável proporciona às praticantes o sentimento de segurança de estarem no local onde estão e com as pessoas que estão à sua volta.

Autoridade respeitosa e respeitável. A capacidade do professor de se impor sem necessidade de diminuir ninguém por causa de sua faixa (graduação) ou outro marcador, como os de gênero, passa a imagem de um profissional respeitoso e respeitável. Tal "liderança fluida" diz respeito a como a autoridade implícita de um professor é uma conduta que é notada e admirada pelas praticantes, em que não há imposição, mas aprovação e respeito mútuo entre professor e alunas:

Ela sabe que é superior, não tem que provar isso. E todo mundo sabe. Então ela vai "rolar" de igual pra igual com você, te ensinando uma coisa, ou evitando tais posições (...) Só que saiu do tatame ela é uma pessoa normal, entendeu? Não se gaba por isso "sou faixa preta em Jiu-Jitsu pós-graduanda em tal coisa", ela é uma pessoa normal que vai chegar ali e conversar com você. (E7)

Ao mesmo tempo que as alunas compreendem sua professora e professores como figuras de autoridade e a serem respeitadas, elas também valorizam a humildade dos mesmos, sentindo-se mais abertas ao ensino, confortáveis na presença dos mesmos e mais seguras no ambiente de prática, sendo o oposto do que ocorre quando essa mesma autoridade é desempenhada de forma indevida, como apresentado anteriormente.

Reconhecimento e valorização. Condutas que expressaram às participantes o reconhecimento e valorização da evolução e dedicação à prática, principalmente por parte do professor, mas também de outras figuras importantes para a praticante, foram relatadas e vivenciadas como animadoras e incentivadoras. Tais condutas são desejadas e, segundo sua percepção, necessárias à sua evolução na prática, pois por meio destas condutas não só se sentem valorizadas, através de elogios e estímulos

motivacionais, mas também obtêm feedbacks a respeito de seu desempenho, tanto negativos como positivos.

Senti que eu já tava pensando em sair, dar uma parada, querendo faltar vários dias da semana. E aí ele começou a fazer vários elogios no meu treino, que eu... Que eu tava indo bem no golpe tal, que eu tava melhor nesse do que naquele, era melhor eu focar nisso do que naquilo, tal... E aí isso começou a dar uma animada, e aí eu achei, pensei “hm, às vezes eu tenha futuro” entendeu? (E8)

Discussão

De acordo com as entrevistas, as mulheres no ambiente de lutas podem ser mais ou menos influenciadas pela cultura do gênero, mas quanto maior a adesão à crença nos estereótipos femininos, maior é a resistência e desincentivo à prática por parte do círculo social, a partir da ideia de que as mulheres não pertencem àquele ambiente por serem vistas como frágeis e “delicadas” ou pelo preconceito da “masculinização” da mulher por fazer atividades consideradas “pouco femininas”, sendo mais difícil permanecer e gostar de estar em um ambiente de prática no qual se é frequentemente contestada e/ou desmerecida (Velija, Mierzewski & Fortune, 2013; Young, 1997). Todos os relatos desta pesquisa apresentaram, em maior ou menor quantidade e intensidade, experiências negativas associadas às configurações e crenças de gênero, sendo frequente no ambiente social das praticantes a presença de situações que constantemente as colocam em questão e à prova. Essas atitudes se apresentaram na forma de desprezo, inferiorização e/ou descrença em suas capacidades, levando a desmotivação e diminuição da autoconfiança em suas capacidades. Por outro lado, o incentivo, manifestações de admiração, elogios e companheirismo de amigos, colegas e familiares mostrou aumentar o ânimo e confiança das praticantes. Este encorajamento por parte de pessoas significativas aos indivíduos também corrobora a literatura, que destaca o apoio social de entes queridos como um fator atribuído a maiores taxa de adesão e empolgação para a prática (Weinberg & Gould, 2018; Young, 1997).

No caso específico das relações entre alunos e aluno-professor, elas também podem contribuir tanto para incentivo quanto o desincentivo do engajamento na atividade através das interações e condutas dos mesmos (Weinberg & Gould, 2008), condutas estas que estão inseridas e são influenciadas (em maior ou menor nível) pelas noções de gênero a respeito da participação da mulher em práticas consideradas “masculinas” – principalmente as de contato, como no caso das artes marciais (Velija et al., 2013). Tratando das relações com colegas de treino, as categorias “*assédio*” e “*segregacionismo*” referem-se de forma explícita a como tais condutas se manifestam e são percebidas na experiência das praticantes.

A unidade “*assédio*” remete à objetificação, inferiorização e sexualização de seus corpos dentro do esporte (Channon, 2018), aumentando a autoconsciência sobre si, sentindo-se apreensivas e desconfortáveis, diminuindo intensamente o sentimento de segurança nas pessoas que as cercam e, conseqüentemente, o ânimo de estarem naquele ambiente. Especialmente na modalidade Jiu-Jítsu, em que há muito toque e contato físico de quase todo o corpo, as praticantes perceberam desconforto quando há intenção de sexualização por parte de homens relacionada a posições, técnicas

e movimentos da modalidade. Na unidade "*segregacionismo*", são bem pontuadas as experiências negativas vividas em um ambiente pouco receptivo e inclusivo, com forte sentimento de não pertencimento ao mesmo, originado na indiferença ou desprezo diante de sua presença, por se sentirem constantemente subestimadas, além da sensação de "ter que se provar" para obter respeito e reconhecimento de seus colegas. Em vários momentos, permanece a percepção de que seus esforços não são suficientes para haver expressão de reconhecimento e respeito por elas e seus desempenhos, consequentemente diminuindo a motivação e a confiança em suas próprias habilidades.

Em oposição às categorias acima, o "*clima cooperativo*" apresenta práticas que favorecem e incentivam o engajamento às modalidades de lutas, pelo fato de se verem em um ambiente receptivo e amigável, no qual as praticantes relataram se sentir mais animadas em frequentar as aulas, principalmente por criarem laços sociais importantes e boas relações interpessoais. Essas boas relações se fundamentaram através de condutas interativas, solícitas e prestativas, em que colegas – mais ou menos experientes – se auxiliavam nas atividades e trocavam experiências, possibilitando a constatação de preocupação coletiva com a aprendizagem do outro. Além de se ajudarem tecnicamente, como apresenta a categoria "*reconhecimento e valorização*", a presença de incentivos, feedbacks e elogios por parte de colegas de treino apresentou-se positivamente marcante, principalmente em momentos de dificuldade e situações desanimadoras. Especialmente com a presença e tendo boas relações com outras mulheres na modalidade, as praticantes se sentem mais estimuladas, animadas, confiantes e seguras no ambiente de prática.

A maioria das entrevistadas faz treinos mistos, sendo um ambiente de prática que frequentemente as desafia a enfrentarem toda a configuração de gênero e, diante disso, os resultados frisam a importância da presença de outras mulheres em meio a uma maioria de alunos do sexo masculino e diante do fato de que o homem pode ser percebido como intimidador. Na interação entre mulheres, existem as práticas de auxílio técnico e pessoal supracitadas, mas também se revela a criação de um vínculo singular entre as praticantes, em que termos como "cumplicidade" e "acolhimento" foram utilizados ao se referirem a essa ligação, existindo uma empatia recíproca – compreensão – de diferentes questões, como dificuldades, inseguranças e necessidades da outra como mulher e praticante, indo de acordo com Young (1997), que traz evidências de que mulheres que praticam lutas junto de outras mulheres tendem a aproveitar melhor a prática, se sentindo mais empoderadas, confortáveis e compreendidas pelos conflitos que possam existir num ambiente fortemente "masculino".

Junto à discussão do papel e do relacionamento com o professor, coloca-se em pauta, conjuntamente, variáveis da adesão referentes as "qualidades do líder" que, segundo Weinberg e Gould (2008), dizem respeito às dimensões que compõem um líder bom e efetivo para adesão a prática, considerando professores como bons líderes aqueles que "buscam assegurar a cada participante oportunidades máximas de alcançar o sucesso", sendo responsáveis por "tomar decisões, dar feedback, estabelecer relações interpessoais e dirigir o grupo (...) com confiança" (p. 224). A efetividade (maior ou menor) e influência (positiva ou negativa) da liderança sobre um

grupo ou indivíduo é, assim como adesão, multifatorial, dependendo de aspectos como o estilo de liderança, estratégias, táticas, técnicas e experiência de ensino, assim como a personalidade, valores e comportamentos do líder e da interação e modulação desses fatores nas relações interpessoais e nos contextos em que se encontra (Brown & Mitchell, 2010; Weinberg & Gould, 2008). Ainda que partam de um sistema complexo e multifatorial, professores/mestres desempenham um papel crucial para que a atividade proporcione efeitos e experiências positivas a seus alunos a partir de suas ações e condutas, justamente por possuírem maior alcance/poder e capacidade de intervenção e modulação desses fatores (Jacobs, Claringbould, & Knoppers, 2014).

Pensando na influência das características e condutas do professor no ambiente de prática, o Guia Didático de Artes Marciais e Esportes de Combate, formulado pela UNESCO em parceria com a Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação (SEME) do estado de São Paulo, em sua seção de direcionamentos pedagógicos para professores e mestres de arte marciais, determina que é necessário que o educador identifique e considere “as características de quem aprende e como as estratégias de aprendizagem podem oferecer experiências de como agir, pensar ou sentir” (Guia Didático de Artes Marciais e Esportes de Combate, p. 20.), além de pontuar sua responsabilidade em relação a fatores como a saúde física e mental dos aprendizes, seus interesses e o alcance dos mesmos, níveis de aptidão e capacidades.

São diversos os estudos que se preocupam em entender as configurações e implicações das interações líder-grupo, contudo, não se encontra investigações de tais conceitos no ambiente de prática das artes marciais, especialmente em protagonismo feminino. Este ponto foi abordado positivamente pelas entrevistadas, que apontaram que contar com uma professora/mestra em suas práticas tem efeito motivador para se manterem na atividade.

Referente às práticas reprováveis, há condutas que são explicitamente repudiadas nos relatos. No caso, *abusos de poder* e *assédios*, tanto morais quanto físicos, apresentaram-se em diversas situações. No que concerne ao ambiente de treino e às relações que nele ocorrem, estabelece-se que cabe ao professor, como uma figura de referência ética e de autoridade, determinar limites e condutas que serão ou não aceitas, pensando no bem geral dos alunos e das práticas, visto que, muitas vezes, o ambiente já é considerado de antemão como pouco amigável devido à predominância do público masculino, e quando há postura permissiva do professor diante de injustiças, preconceitos e situações de assédio, as mulheres são diretamente afetadas como praticantes, de forma que se sentem desconfortáveis e inseguras naquele meio. Além da permissividade, a situação é agravada quando o assédio e abusos partem do professor, em que o abuso de sua autoridade, seja por exigências excessivas, noções e comportamentos de superioridade e impertinentes, podem levar a praticante, até mesmo, à interrupção da prática.

Contrastante aos aspectos associados a um “bom líder”, a desatenção às responsabilidades como professor para com as mulheres foi negativamente marcante em suas experiências, como exposto nas categorias “*negligência no ensino*” e “*questões técnicas*”, transmitida às praticantes pelo pouco investimento em seu progresso na modalidade, como a falta de feedback e de

reconhecimento diante de seus esforços, proposições incorretas de desafios e atividades – ostensivos ou fracos demais – e pela diferença de tratamento entre alunos, especificamente, entre elas e praticantes homens. Não só desleixo em funções consideradas básicas, mas como também a desconsideração ou desconhecimento do professor sobre as necessidades e condições – da realidade – da praticante como aluna e como mulher, na unidade "*ausência de compreensão à singularidade feminina*", prejudicam tanto a qualidade técnica do ensino quanto aspectos psicossociais, ao frustrarem ou não satisfazerem as expectativas individuais, desfavoreceram sua motivação, contribuindo para diminuir o engajamento das alunas com a prática.

Em comparação e contraste, as práticas exemplares se apresentam como condutas adotadas que vão de acordo com o que é esperado e associado à figura de um bom professor, em que ele conhece suas obrigações, responsabilidades e cuidados a serem tomados como profissional. A análise dos relatos evidencia a importância da atenção para com estes fatores e a execução de condutas que os considerem e respeitem, por parte do(a) professor(a), foi percebida pelas mulheres e categorizada como uma prática exemplar – resultando, justamente, em um efeito oposto que consiste em maior motivação e empolgação das atletas com a sua modalidade de luta.

Nessa linha, tendo seus professores como referência não só moral, mas também técnica, o "*reconhecimento e a valorização*" de suas habilidades e esforços têm grande importância na experiência das praticantes, sendo que, diante da manifestação de interesse e dedicação dos professores a seus sucessos e melhoras, dando valor tanto a grandes conquistas, como trocas de faixa ou vitórias em competições, quanto em pequenas melhoras e superações pessoais dentro da prática, elas passam a se sentir mais confiantes, estimadas e, conseqüentemente, mais dedicadas à modalidade praticada.

No que diz respeito a deveres básicos do profissional, existe a percepção positiva da atenção a questões técnicas, como quando há adaptação de treinos, uso de diferentes estratégias de ensino de acordo com a experiência, nível técnico e condições físicas e psicológicas. O cuidado com a estrutura e dinâmica do treinamento, assim como modos de ensinar em situações normais e adversas (como períodos de lesão), demonstrou ser crucial ao aumento da autoconfiança e autoeficácia. Evidencia-se nos relatos a apreensão de que, por essas condutas do professor, existe o respeito por seus limites ao mesmo tempo que também há o desafio, não as subestimando ou intimidando, prezando por sua evolução a partir de quem são e como estão, permitindo que elas mesmas enxerguem e valorizem seu progresso, em contraste às situações que comumente enfrentam, nas quais constantemente se veem colocadas à prova e menosprezadas por suas dificuldades na modalidade.

Por fim, referente ao "*clima cooperativo*" e no que diz respeito ao papel do professor, foi possível identificar, através de relatos de vivências positivas, os cuidados dedicados pelo mesmo para o desenvolvimento de um ambiente acolhedor e respeitoso, que por sua vez é decorrente da passagem e personificação de valores e incentivo de condutas das alunas que propiciem tal clima, sendo mais uma conduta importante que só pode ser designada pela autoridade em questão. O papel do professor, suas condutas e valores são

percebidos como precursores e, conseqüentemente, responsáveis pela configuração do ambiente de prática como positivo ou negativo.

Configura-se como ponto importante da determinação de uma conduta como exemplar a compreensão, por parte dos mestres de Artes Marciais, da mulher como pessoa, com suas diferenças e peculiaridades em relação ao homem, merecendo respeito e atenção, assim como suas características individuais, como história, fraquezas e pontos fortes sendo levados em consideração. Cabe também ressaltar que a proximidade pessoal com os mestres – a possibilidade de conversar não apenas sobre as questões referentes às práticas, mas sobre outros assuntos, se necessário – foi pontuada pelas entrevistadas como, além de uma conduta exemplar, um fator determinante para acelerar o processo de aceitação da mulher no espaço de luta, e conseqüentemente, legitimar e aumentar sua presença no tatame.

Considerações finais

Notou-se, neste estudo, contraste entre vivências de práticas exemplares e reprováveis. No caso das práticas exemplares, foi percebida unanimidade entre as participantes de que o posicionamento do professor no tocante à metodologia de ensino – que abrange desde a modulação dos exercícios até a concessão de *feedbacks* positivos ou negativos, a atenção aos objetivos, conquistas e peculiaridades de cada aluna – são fatores determinantes para manter o interesse e incentivar a continuidade das alunas na prática, ressaltando-se a importância e valor atribuído à atenção direcionada à sua singularidade em complexidade – como aluna e como pessoa. Contrariamente, essas mesmas condutas dos professores são interpretadas por elas como reprováveis quando executadas de maneiras abusivas, negligentes, relapsas e segregacionistas, que acabam por reduzir e desmotivar o interesse e a dedicação das mesmas nas artes marciais.

No que diz respeito às limitações do estudo, houve a predominância de uma modalidade sobre as outras, de certa forma restringindo a abrangência dos resultados quanto às outras modalidades. Também, a maioria das entrevistadas têm em comum o mesmo local de treinamento e tempo semelhante de prática, concernindo, possivelmente, a variedade de situações vivenciadas e relatadas, que por sua vez afeta a variedade de exemplos e detalhes contidos em cada unidade de entendimento. Por fim, o presente trabalho é entendido pelos autores como ponto de partida para que mais estudos sobre o tema sejam feitos, recomendando-se investigações futuras, que contemplem maior diversidade de modalidades praticadas, também analisando a experiência de mulheres de diferentes dojôs e academias, e com uma maior variedade de tempos de prática.

Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: Edusc.
- Barreira, C.R.A. & Ranieri, L.P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. Em: M. Mahfoud, M. Massimi (Org.), *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 449-466.
- Bowman, P. (2016). 'The gender of martial arts studies'. *Martial Arts Studies*. Disponível em: <http://martialartsstudies.blogspot.co.uk/2016/02/the-gender-of-martial-arts-studies.html>, acessado em 07.08.2019.
- Brown, M.E. & Mitchell, M.S. (2010). Ethical and Unethical Leadership: Exploring New Avenues for Future Research. *Business Ethics Quarterly*, 20(04), 583-616.
- Channon, A. (2018). Martial arts studies and the sociology of gender: Theory, research and pedagogical application. *The martial arts studies reader*, 155-170.
- Channon, A., Quinney, A., Khomutova A. & Matthews C.R. (2018). Sexualisation of the fighter's body: Some reflections on women's mixed martial arts. *Corps*, 1, 383-391.
- Channon, A. (2014). Towards the "undoing" of gender in mixed-sex martial arts and combat sports. *Societies*, 4(4), 587-605.
- Channon, A. (2013). "Do you hit girls?" Some striking moments in the career of a male martial artist. *Anthem Press*, 95-110.
- Da Silva Neto, A.M. et. al. (2013). *Guia Didático Artes Marciais e Esportes de Combate* (Versão preliminar). Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/esportes/artesmarciais.pdf>.
- Follo, G. (2012). A literature review of women and the martial arts: where are we right now?. *Sociology Compass*, 6(9), 07-717.
- Jacobs, F., Claringbould, I. & Knoppers, A. (2014). Becoming a "good coach." *Sport, Education and Society*, 21(3), 411-430.
- Macleane, C. (2016). Friendships worth fighting for: bonds between women and men karate practitioners as sites for deconstructing gender inequality. *Sport in Society*, 19(8-9), 1374-1384.
- Mahfoud, M. & Massimi, M. (2013). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã.
- Otoni, G., Ranieri, L.P. & Barreira, C.R.A. (2008). O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de

atletas lesionados em tratamento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(2), 1-32.

Pessina, J.E. (2017). *Gênero no Muay Thai: uma luta dentro das artes marciais*. Rio Claro.

Velija, P., Mierzwinski, M. & Fortune, L. (2013). 'It made me feel powerful': women's gendered embodiment and physical empowerment in the martial arts. *Leisure studies*, 32(5), 524-541.

Weinberg, R.S. & Gould, D. (2008). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício tradução*. Artmed editora. 4ª ed. Porto Alegre.

Young, K. (1997). Women, sport and physicality: Preliminary findings from a Canadian study. *International Review for the Sociology of Sport*, 32(3), 297-305.

Sobre o autor

Luiza Ferreira Figueiredo

Universidade de São Paulo - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (USP-EEFERP), São Paulo, Brasil

Leila Curvello de Mendonça

Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP-FFCLRP), São Paulo, Brasil

Thabata Castelo Branco Telles

Universidade de São Paulo - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (USP-EEFERP), São Paulo, Brasil

Cristiano Roque Antunes Barreira

Universidade de São Paulo - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (USP-EEFERP), São Paulo, Brasil

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Cristiano Roque Antunes Barreira

Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto.

Av. Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre - CEP: 14040-900 - Ribeirão Preto, SP

TELEFONE

(16) 36020529

E-MAIL

crisroba@usp.br